

sessões do MAGNÁRIO

ANO XVIII | N. 29 | 2013/1

Séries policiais e
contemporaneidade

Camila Prado Furuzawa

P.76

Telejornalismo, linguagem
e a nova classe média

Flávio Porcello e Débora Sartori

P.03

Tecnologias da imagem
e da visualidade

Sarah Miglioli e Moreno Barros

P.68

O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva

Tauana Jeffman¹ 



RESENHA

*Resenha da obra: MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.*

Em sua obra *O conhecimento comum* (2010), que de acordo com o próprio autor, é uma introdução à sociologia compreensiva, Maffesoli (2010) mostra-se como um teórico não adepto da utilização de conceitos, pois estes delimitam uma determinada verdade e excluem demais possibilidades. Percebemos que Maffesoli (2010) opta pela utilização da palavra “noção”, pois esta perspectiva seria menos determinista e mais generosa, do que a palavra “conceito”. De acordo com Maffesoli (2010, p. 19), este “método compreensivo permite uma abordagem indutiva”, sendo que o “conhecimento ordinário”, o nosso “conhecimento comum” é o que nos prepara para a vida, nos prepara para a caça. Nos torna aptos para esse “eterno recomeço” da vida, ou seja, “a vida em sua eterna dimensão”. Com isto, a sociologia que trabalha com “socialidade, imaginário ou cotidiano” não deve mais produzir “conteúdos”, mas sim operar como “ponto de vista”.

Em sua concepção, a “sociologia institucional” começa a necessitar de números, de dados concretos, de “pesquisas de campo”. Em contrapartida, Maffesoli (2010, p. 24) desenvolve a “sociologia compreensiva”, que não objetiva explicar os fenômenos, mas sim compreendê-los. E esse “método compreensivo”, para ele, tem um fundamento “místico” e “orgiástico”, que busca entender o objeto ou o fenômeno sem petrificá-lo, com o intuito de ser uma maneira de pensar a “arte de fazer”. Para compreendermos, necessitamos de generosidade de espírito, de proximidade, de reciprocidade, pois “somos parte disso tudo”, porém, algumas metodologias não compactuam desta percepção, pois ditam que não somos participantes destes fenômenos, mas pesquisadores, apenas observadores. Ao contrário desta concepção, Maffesoli (2010, p. 49) salienta que é justamente por sermos partes integrantes deste



contexto que “podemos apreender, ou presentir, as sutilezas, os matizes, as descontinuidades desta ou daquela situação social” em outras palavras, “somos parte integrante (e interessada) daquilo que desejamos falar”. Maffesoli (2010, p. 29) defende que há vários “tipos’ de conhecimento”, sendo que a sociologia compreensiva busca o conhecimento “através de uma visão interna”, pois, de acordo com Maffesoli (2010, p. 31, grifo do autor) a sociologia compreensiva “é esta sociologia do lado de dentro”. O autor também argumenta que não exista uma única realidade, mas sim, “maneiras diferentes de conhecê-las” (Maffesoli, 2010, p. 36).

Um teórico que se propõe a “descrever a vida social” através da mistura do “inteligível e do sensível, de *sapiens* e de *demens*”, onde esta percepção “reintroduz na análise social” as “dimensões míticas e imaginárias”, é assim que Maffesoli (2010, pp. 92-93) coloca-se. Ou seja, Maffesoli é um teórico que se utiliza de um “método aberto” capaz de “captar o fôlego social” (Maffesoli, 2010, p. 95). Sobre esta mistura, Maffesoli (2010, p. 103) explica-nos que podemos ler nas entrelinhas dos textos de Durkheim “que o conjunto das representações e suas combinações constituem motores sociais por excelência”. Tal noção foi de certa maneira, explorada por Durand (2002) em sua “estrutura do imaginário”. E também pode ser encontrada em Edgar Morin através de sua concepção de “ecologia das ideias”, sendo que, de acordo com Maffesoli (2010, p. 104), “Morin participa desta preocupação que leva ao reconhecimento das representações humanas em todas as suas dimensões”.

A noção de “formismo” é então proposta por Maffesoli (2010, p. 109), e segundo ele, nada mais

é do que um termo que “permite por em relevo características da vida social sem deformá-la em demasia”. Este “formismo” está longe de ser uma “visão estática do mundo”. Ao elaborar tal noção, Maffesoli (2010, p. 112) cita Durkheim, o qual afirmou que “é a forma do todo que determina a das partes”. A atitude formista não impõe nem formula nada, ela “se contenta em dizer seu tempo, incorporando-se assim ao discurso polifônico que, ao seu próprio respeito, a sociedade produz” (Maffesoli, 2010, pp. 111-114). É também através do “formismo” que Maffesoli (2010, pp. 122-123) busca compreender “o problema do Universal e do Particular”, sendo que tal noção é antes de tudo “um pensamento da globalidade”. Compreendemos que a forma, refere-se à maneira como algo se apresenta “no presente”, e não o que é em sua totalidade.

Neste método compreensivo, é a analogia quem “abre caminho à integração de reflexão intelectual à organicidade societal”. Em outras palavras, o sociólogo não é o juiz que determina quem vence, ou está certo, na luta do bem e do mal, da razão e do não racional, seu papel é chamar atenção a estes. A correspondência, por sua vez, apresenta-se como um “ponto nodal, que assegura a junção destas três dimensões estruturantes de todas as sociedades: a relação à alteridade natural, a relação à alteridade social e o conhecimento que delas se pode ter” (Maffesoli, 2010, p. 167).

Para compreendermos nosso presente, é preciso praticar a “einsteinização”, que nada mais é do que uma metáfora elaborada por Proust para explicar-nos que compreendemos o presente comparando-o com “grandes momentos do passado”, nota Maffesoli (2010, p. 183). Ou seja, compreendemos a paixão atual, através

das paixões que já existiram antes de nós. Mas para isso, segundo o autor, é necessário ser um pesquisador de botequim, um pesquisador do povo, no meio do povo, através do que podemos caracterizar como o “método lógico-experimental” proposto por Pareto (Maffesoli, 2010, p. 183). O que os “intelectuais de salão” não sabem, é que de bar em bar, de conversa em conversa, de feira em feira, “apreenderemos a reconhecer a amplitude, a intensidade e as variações da respiração social”.

Somos uma sociedade que não possui um discurso linear, como já afirmamos, somos controversos, cheios de mistério, e sendo assim, o papel da sociologia não é ditar regras e afirmar parâmetros de como a sociedade “deve ser”, mas sim, deve extrair consequências “das críticas do positivismo, reconhecendo a importância da ideologia, tomando conhecimento da eficácia da forma, da analogia, da metáfora, e observando o retorno de uma visão cíclica”, sendo que através desta perspectiva, é que “poderemos compreender a existência em seu aspecto plural” (Maffesoli, 2010, pp. 185-186). Em suma, não devemos decretar, mas sim, compreender este aspecto vagabundo do cotidiano, dedicando atenção aos “elementos que não se sintetizam e nos remetem a uma descrição *contraditória*”, de acordo com Maffesoli (2010, p. 188).

Experimentando, encerramos uma “potencialidade cognitiva”, mas não devemos ser adeptos de “demarcações”, pois elas podem ter sua importância para a política, a moral ou para alguma ciência, mas, segundo Maffesoli (2010, p. 199), “não serve, de modo algum, para a definição do conhecimento”. Os “intelectuais de salão”, ou os que vivem em “capelas intelectuais”, preocupam-se em marcar territórios



cognitivos, em estabelecer barreiras e assim, acabam deixando de preocuparem-se com a sociedade em que vivem. Maffesoli (2010, p. 200) argumenta que se preocupa em ser um sociólogo que não seja prisioneiro da exaustão da cientificidade, mas que ao mesmo tempo, “não deixe escapar o essencial”, que busque reunir “elementos necessários para uma compreensão profunda da socialidade”. O autor acredita que o sociólogo não deve “responder pelos outros”, mas sim, deve escutar o outro (Maffesoli, 2010, p. 204).

Maffesoli (2010, p. 210) valoriza o conhecimento empírico, que é o nosso conhecimento corriqueiro, do dia-a-dia, aquele em que não precisamos provar cientificamente sua veracidade, pois intuímos sobre sua verdade, e este conhecimento, muitas vezes, supera o conhecimento racional. Maffesoli (2010, p. 210), porém, deixa claro que não pretende em suas páginas, fazer uma apologia ao irracional, pois seu objetivo é “esboçar uma teoria do conhecimento apta a admitir que a falta de acabamento estrutural da socialidade fica a exigir uma falta de acabamento intelectual”. Relacionado a este contexto, o autor cita uma expressão de K. Mannheim, onde este afirma que “o pensamento ‘não se acha limitado aos livros, mas tira a sua significação principal das experiências da vida cotidiana’” (Maffesoli, 2010, p. 214).

É vivendo, é experimentando, que adquirimos um conhecimento cada vez mais valorizado, sendo que tal experiência se mostra como a sucessora de um pensamento em que imperava a separação objetiva. Maffesoli (2010, p. 216) cita então o teórico Gilbert Durand, onde este afirma que “caminhamos para uma ‘comunicação experimentada’”. Vivemos, aprendemos

e nos conhecemos através da experiência, pois como nota Maffesoli (2010, p. 216) “o corpo individual e/ou coletivo faz a experiência do mundo, faz experiências com o mundo”. E nestas experiências também há a “comunicação com o mundo”, a empatia, aquela comunicação com um “sentido cósmico”, de acordo com Maffesoli (2010, p. 217), sendo que a noção de empatia é fundamental na obra do autor, pois esta significa colocar-se no lugar do outro, para então compreendê-lo. Em questão de experiência, podemos citar também a “*experiência comum*” que, de acordo com Maffesoli (2010, p. 219), “é parte essencial da trama societal”. Maffesoli (2010, p. 219) assinala que “sensualismo, a pregnância do imaginário, uma concepção do tempo marcada pelo presente e pelo trágico, bem como o relativismo intelectual, tudo isto enfatiza a pluralidade dos aspectos da vida social e o pluralismo inerente às abordagens destes mesmos aspectos”.

Referindo-se a este pluralismo, Maffesoli (2010, p. 221) cita Max Weber, pois de acordo com este teórico, através da definição de “politeísmo dos valores”, percebemos que “é efetivamente pela existência do heterogêneo e da tensão entre sistemas que a vida se vai constituir”. Maffesoli (2010, p. 221), sobre politeísmo e heterogeneidade, nos expõe sua noção de “*pluralismo societal*”, onde tal noção torna-se ponto peculiar na vida das sociedades. E esta vida das sociedades, por sua vez, configura-se pelo que Maffesoli (2010, p. 222) chama de “societal em ato” ou “socialidade”, que nada mais é do que a noção que aponta para a experiência e o relativismo e também para uma comunicação, “para um fazer em comum e para um sentir em comum”, sendo

que em nossa época, é o “societal” que predomina.

A vida, de acordo com Maffesoli (2010, p. 230), não é reduzida ao “sujeito individual”, mas o contrário, ela ressurge na socialidade. E as “representações teóricas” devem apresentar-se em grau de importância, posteriormente à “experiência coletiva”. Tal experiência, por sua vez, é composta pelo senso comum, pelo presente e pela empatia. Aí podemos verificar, nas palavras de Maffesoli (2010, p. 231), o que pode configurar-se como uma “instrumentalização sociológica”, que nos fornece uma “perspectiva fenomenológica” o qual o autor denomina de “*tipicidade*”. Esta se refere ao que o autor denomina como um “tipo”³, uma “máscara de teatro”, ou seja, misturando subjetividade e objetividade, nós realizamos uma “*transcendência imanente*” e conseguimos ser várias pessoas dentro de um mesmo indivíduo.

Maffesoli (2010, p. 256) fala-nos do “*senso (comum) nologia*”, que está ligado ao vitalismo. Isto é, essa noção de conhecimento da massa, do popular, possui vitalidade, é algo dinâmico, vivo, construído e compreendido em um eterno vaivém, valorizando-se o “aqui e agora”, ou seja, o “presenteísmo, cuja riqueza ainda não exploramos integralmente”, sendo que, na concepção de Maffesoli (2010, pp. 255-260), “o que constitui cultura é a opinião ‘o pensamento das ruas e das praças’, que são ingredientes essenciais do cimento emocional da socialidade. Somente *a posteriore* elabora-se, então, o conhecimento erudito”. O que leva-nos a compreender que “a complexidade cotidiana, a ‘cultura primeira’, merece uma atenção específica – e a isto” o autor propôs “que se denominasse *conhecimento comum*”.



Referências

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Notas

1. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Comunicação da UNISINOS. E-mail: tauanamwj@hotmail.com.

2. Maffesoli (2010, p. 92) nota que “sapiens” significa “sábio, prudente, judicioso”, enquanto que “demens” significa “insensato, delirante, desequilibrado”.

3. Maffesoli (2010, p. 238) argumenta que a “tipificação acompanha uma reatualização do mítico”, fazendo referencia à obra de Durand.